

4

Percurso metodológico

Este capítulo tem como propósito descrever as etapas da produção das informações que subsidiaram a investigação realizada, obedecendo a ordem cronológica em que as fases ocorreram no campo empírico. Na primeira etapa, descrevemos a entrada em campo e o período de observação; na segunda, apresentamos as entrevistas com os dois professores de Matemática da escola Alfa e Beta; na terceira etapa, delineamos a aplicação do exercício diagnóstico e do questionário socioeconômico para os alunos das duas turmas; e na quarta e última etapa, apresentamos as entrevistas com as coordenadoras pedagógicas das duas unidades escolares.

4.1

O trabalho de campo

Nesta investigação, optamos por uma abordagem metodológica do tipo qualitativa, exatamente pela variedade de possibilidades de coleta de dados e de estratégias para registrar e analisar informações que esse tipo de abordagem nos permite. Preocupados em subsidiar este trabalho com dados da realidade observada, buscamos aproximações com um estudo do tipo etnográfico no sentido definido por Silverman (2009, p.71). “A etnografia une duas palavras diferentes: ‘etno’¹, que significa ‘pessoas’, e ‘grafia’, que significa ‘escrever’. A etnografia refere-se, portanto, aos escritos científicos sociais sobre determinadas pessoas”. Como estávamos trazendo para esta pesquisa dados de duas instituições escolares, os apresentamos a partir do dinamismo de seus cotidianos e das relações travadas entre os principais atores - alunos, professores técnicos e funcionários -, ao entrarmos em campo optamos pela técnica da observação, porque consideramos que essa seria imprescindível nesse primeiro momento para possibilitar nossa aproximação com os fenômenos que observamos. Tentamos conduzir as observações no sentido apontado por Tura (In: VILELA, 2003, p. 189).

[...] é um mergulho profundo na vida de um grupo com o intuito de desvendar as redes de significados, produzidos e comunicados nas relações interpessoais. Há segredos do grupo, fórmulas, padrões e condutas, silêncios e códigos que podem ser desvelados.

Autores, como Gil (1999), Creswell (2007) e Vianna (2007), ao fazerem referências sobre a observação como técnica de investigação científica, destacam esse procedimento como relevante nas pesquisas qualitativas e importante para o procedimento da produção das informações que possam ser validados e considerados confiáveis. Eles, juntamente com tantos outros que se ocupam do ofício da pesquisa, comungam da ideia de que uma boa produção científica perpassa, de uma forma ou de outra, uma acurada observação. Por suposto, consideramos adequada a opção por essa técnica de investigação na medida em que nos propusemos a conhecer e analisar a prática pedagógica em sala de aula de dois professores de Matemática em escolas organizadas em ciclos. Consideramos que um estudo desse porte tornava-se relevante no sentido de possibilitar novos conhecimentos sobre a prática pedagógica de professores em seu *locus* mais restrito de trabalho, ou seja, a sala de aula.

Nossa intenção foi a de nos aproximarmos o máximo possível da rotina dos dois professores, buscando perceber aspectos da dinamicidade de seus ofícios, no empenho de dotar os alunos de conhecimentos disciplinares. Para tanto, focamos nosso olhar em aspectos, como: a) a descrição da sala de aula; b) a relação professor/aluno; c) a caracterização da turma; d) a relação aluno/aluno; e) a prática pedagógica incluindo os procedimentos de ensino de Matemática e seus procedimentos avaliativos. Tentamos também relacionar esses aspectos com elementos da proposta de Slavin (1984) relacionados a: a) qualidade da instrução; b) níveis adequados de instrução; c) incentivo; e d) tempo.

A entrada gradativa em campo nos indicou a necessidade de realizarmos uma observação participante. Em um sentido geral, Silverman (2009, p.71) explica que “a observação participante é mais do que apenas um método. Ela descreve um recurso básico de toda pesquisa social”. Para Tura (In: VILELA, 2003, p. 187), essa técnica de pesquisa “caracteriza-se, num sentido geral, pela presença constante do pesquisador no campo e a observação direta das atividades de um grupo no local de sua ocorrência.” Autores, como Moreira e Caleffe (2008, p.204), também indicam a observação participante como técnica de pesquisa capaz de “proporcionar a melhor maneira de obter uma imagem válida da realidade social”.

Respaldados em tais argumentos, partimos para o planejamento de nossa observação sistemática e, seguindo as sugestões de Moreira e Caleffe (2008) sobre

considerações básicas para observação, tivemos o cuidado de elaborar um protocolo com questões, como: a) quem seria observado; b) quais os comportamentos que seriam observados; c) onde seriam conduzidas as observações; d) o período mínimo para elas serem feitas; e) dias e horários em que estaríamos nas escolas observando e como as observações seriam avaliadas e analisadas.

De todo modo, não nos esquecemos de considerar algumas recomendações de autores como Moreira e Caleffe (2008), Gil (1999), Creswell (2007), dentre outros, que alertam para os cuidados e dificuldades que essa técnica pode revelar, como o faz Vianna (2007, p. 10) quando afirma que “os estudos de observação, apresentam problemas de grande complexidade e, talvez, por essa razão não são numerosos no campo educacional.” Moreira e Caleffe (2008, p.205), ao falarem das desvantagens da observação participante, alertam para as seguintes questões: “frequentemente consome muito tempo; o pesquisador pode apenas estudar grupos muito pequenos de pessoas; e tem que estar fisicamente presente para que a pesquisa prossiga”.

Cientes das vantagens e riscos, partimos para as observações de campo que são descritas mais adiante na parte denominada “Início do percurso.” As observações, como técnica de pesquisa, ocorreram de fevereiro a julho de 2009, nas escolas Alfa e Beta, em turnos diferenciados, com três dias semanais para cada escola, totalizando cinco horas de aulas semanais em cada sala de aula. A quantidade de informações, bem como os fenômenos investigados, nos conduziu a uma *descrição densa* dos dados observados no sentido definido por Tura (In: VILELA, 2003, p.190):

Esse é um procedimento que possibilita realizar mais do que a mera descrição de fatos, porque parte do pressuposto de que os acontecimentos do cotidiano se inter-relacionam com estruturas sociais mais amplas e com tradições que foram sendo incorporadas pelo grupo em ritos e costumes, que tem sua gênese em situações distantes do momento em que são vividos. A descrição densa é o esforço de articulação entre fatos, o envolvimento na lógica de sua organização, o decifrar dos aspectos obscuros, o buscar pistas para desvendar certos mistérios.

O trabalho de campo trouxe para nós experiências e reflexões, não somente como material de análise de pesquisa, mas, sobretudo como possibilidade de reflexão e revisão de nossa atuação na universidade, em nossa própria prática pedagógica no momento em que desempenhamos o papel de formadores de futuros professores nos cursos de licenciatura, inclusive no curso de Matemática.

4.2

Crítérios de seleção das unidades escolares

Como o nosso objetivo era analisar a prática pedagógica em sala de aula de dois professores de Matemática em escolas organizadas em ciclos, consideramos importante saber que aspectos dessa prática favoreciam altos/baixos rendimentos escolares dos alunos em Matemática em escolas que possuíam o mesmo modelo de organização, no caso, os ciclos básicos, e a mesma orientação curricular advinda da Secretaria Municipal de Educação de Belém do Pará (SEMEC).

Para tal, selecionamos duas escolas da Rede, organizadas em ciclo desde 1992 e o desempenho dessas escolas na Prova Brasil nos certames 2005 e 2007, especialmente na 8ª série, correspondente à etapa final do ciclo IV, e que obtiveram as notas dispostas nos Quadros 1 e 2.

Unidade Escolar	Ano do Certame	Média Atingida em Matemática	Brasil Média Estadual	Brasil Média Municipal	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
Escola Alfa	2005	239,50	238,76	234,12	Não Informado
Escola Alfa	2007	242,77	241,63	237,58	3,9

Quadro 1: Notas na Prova Brasil 2005 e 2007 da Escola Alfa

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP

Unidade Escolar	Ano do Certame	Média Atingida em Matemática	Brasil Média Estadual	Brasil Média Municipal	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
Escola Beta	2005	219,99	238,76	234,12	Não Informado
Escola Beta	2007	223,69	241,63	237,58	2,8

Quadro 2: Notas na Prova Brasil 2005 e 2007 da Escola Beta

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP

Os dados serviram como referência para percebermos altos/baixos índices de rendimentos escolares dos alunos em Matemática das duas escolas selecionadas, mas, obviamente, não nos favoreceram indícios das causas dessa diferença de resultados. Para tal, consideramos importante investigar mais de perto aspectos peculiares às duas escolas, focando nosso olhar nas relações e vivências travadas nas salas de aulas. A partir desse contexto, buscamos caracterizar a prática pedagógica de dois professores de Matemática do ciclo IV do Ensino Fundamental, procurando aproximações com fatores da eficácia em sala de aula.

4.3

Solicitação de acesso às escolas

Em outubro de 2009, devidamente munidos de ofício expedido pelo coordenador local do programa de Doutorado Interinstitucional em Educação, professor Dr. Emmanuel Cunha, encaminhamo-nos à Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) com o propósito de pedirmos autorização à Secretária de Educação para realizarmos a pesquisa de campo, mais especificamente, a parte de observação em duas escolas da Rede. Em novembro, recebemos autorização da Secretária Municipal de Educação em exercício, Prof^a Terezinha Gueiros, com a recomendação de que deveríamos nos dirigir até a Coordenação de Educação Geral – COED, para que uma das técnicas fizesse o contato com os diretores das duas escolas selecionadas. Fomos aconselhados a procurar as escolas somente em 2009, de forma a podermos acompanhar o início do novo ano letivo.

Munidos do documento que nos autorizava realizar a pesquisa nas escolas³, ao final de janeiro, fomos até a COED para que uma das técnicas fizesse o contato com as escolas ou nos desse um novo documento de encaminhamento. No dia marcado, a maioria dos técnicos estava de recesso e outros, participando do Fórum Social Mundial. No dia 02 de fevereiro de 2009, dirigimo-nos à COED, na tentativa de obter a autorização de uma das técnicas. Dessa vez, fomos bem sucedidos e recebidos pela técnica Rosana Mesquita que, gentilmente, atendeu nossa solicitação e, rapidamente, fez contato com as diretoras das duas escolas. Ao final, ela nos forneceu os nomes e telefones das diretoras, e, na oportunidade,

fomos informados dos melhores dias e horários para nos dirigirmos até as escolas. Imediatamente, então, nos encaminhamos à escola Alfa.

4.4

Percurso investigativo nas escolas

4.4.1

Investigação na escola Alfa

A escola Alfa localiza-se em um bairro central de Belém, em uma região de baixada urbanizada, e atende alunos com relativa carência socioeconômica e alguns, ainda que poucos, em situação de extrema pobreza. Faz parte da Rede Municipal de ensino e foi fundada em 1950. Em 2001, foi implantado na escola o sistema de organização escolar por ciclo na perspectiva da *Escola Cabana*. Em 2009, atendia alunos do Ensino Fundamental do Ciclo Básico I, II, III, IV e Educação de Jovens e Adultos (de 2ª e 3ª etapas), com um total de aproximadamente 700 discentes. No prédio, há doze salas de aula, um laboratório de informática educativa, uma biblioteca, uma sala dos professores e uma quadra de esporte. No primeiro bloco da escola, ficam as salas do setor administrativo, secretaria e arquivo. Não há muitas áreas livres para os alunos. De um modo geral, a escola apresenta bom aspecto relativo à conservação e limpeza.

4.4.1.1

Contatos com a direção da escola Alfa

No dia 04 de fevereiro de 2009, às 8h30min da manhã, nos dirigimos até a escola Alfa com o objetivo de conversarmos com a diretora sobre nossa intenção de realizar as observações da pesquisa. Ao entrarmos na escola, fomos encaminhados à sala da diretora que estava bastante atarefada organizando horários dos professores, auxiliada por uma técnica. Apresentamo-nos e ela explicou que estava muito ocupada e que o ideal seria nós termos ligado anteriormente para marcarmos o encontro, pois assim ela poderia nos dar mais atenção. Falamos que havíamos ligado para a escola confirmando a presença da gestora, então resolvemos ir, mas, de todo modo, poderíamos retornar em outro momento ou esperar até que ela tivesse um tempo para conversarmos. No momento em que a diretora nos atendeu, entregamos uma pasta contendo cópia do ofício assinado pela Secretária de Educação do Município e a minuta de nosso projeto. Explicamos que nossa opção pela escola foi motivada pelo bom

desempenho da instituição nas avaliações do rendimento escolar da Prova Brasil nos certames de 2005 e 2007, e pelo crescimento no IDB da escola.

A diretora foi muito simpática e atenciosa, dizendo que não havia problema de realizarmos as observações. Daí, então, fomos encaminhados à sala dos técnicos para prestarmos os mesmos esclarecimentos e para que fôssemos apresentados à professora de Matemática do ciclo IV do turno da manhã.

4.4.1.2

Contatos com a professora de Matemática da escola Alfa

A professora Sílvia tem 37 anos, é licenciada em Matemática pela Universidade do Estado do Pará e cursou especialização na Universidade Federal do Pará em Problemas Regionais Amazônicos. Ela é professora das redes estadual e municipal há dezessete anos e não exerce outra profissão além do magistério.

Ao sermos apresentados, tratamos de explicar o objetivo de nosso trabalho, mostrando a cópia do ofício e a minuta do projeto. Imediatamente, informamos que também somos professores, mas não de Matemática, e que entendíamos o fato de professores, ao serem observados, ficarem receosos com a presença de pessoas estranhas em suas salas de aula, mas garantimos sigilo pedimos que a ela ficasse tranqüila pois manteríamos discrição em relação à identificação da escola e do professor pesquisado. Aproveitamos para falar um pouco sobre quais aspectos seriam foco de nossa investigação. A jovem professora não mostrou nenhuma resistência, foi muito simpática e atenciosa, disponibilizando os horários e as turmas de IV ciclos do turno da manhã. Ao final, ela disse que *“realmente, Lourdes, para você perceber como eu ensino e avalio, seria bom disponibilizar um tempo maior para me acompanhar, até porque eu trabalho com avaliação processual e na próxima semana já darei início ao primeiro trabalho na turma.”* Ao nos mostrar as turmas da manhã, optamos pela 801. Saímos da escola Alfa animados com as primeiras conquistas.

4.4.1.3

Observações na escola Alfa

Em uma quinta-feira, dia 05 de fevereiro de 2009, portando um caderno de campo, iniciamos a etapa de observação densa das aulas de Matemática da

Professora Sílvia. As aulas eram ministradas nos seguintes dias e horários: quarta-feira, 1º horário; quinta-feira, 2º e 3º horários; sexta-feira, nos 2º e 3º horários. Durante o primeiro semestre letivo de 2009, acompanhamos a rotina docente da professora, totalizando aproximadamente 95 horas-aula, em que registramos aspectos da prática pedagógica de Sílvia e do comportamento dos alunos da turma 801 da manhã.

4.4.1.4

Entrevista com docente da escola Alfa

Como já estávamos em campo e nossa presença, de certa forma, já havia se tornado relativamente familiar aos grupos investigados, optamos por complementar a produção das informações com entrevistas. Naquele momento da investigação, consideramos fundamental que, na linguagem dos próprios sujeitos, pudéssemos nos apropriar de informações e interpretações de seus universos de professor de Matemática em escola organizada em ciclos de aprendizagem. De todo modo, não desprezamos as recomendações de Silverman (2009, p.114), quando indica que:

As entrevistas não nos falam diretamente sobre as ‘experiências’ das pessoas; em vez disso oferecem representações indiretas dessas experiências. [...] o que uma entrevista produz é uma representação particular ou um relato das visões ou das opiniões de um indivíduo.

Por suposto, como a posição de observadores da prática pedagógica da professora envolvida no estudo não nos permitiu descrever nas notas de campo detalhes de sua visão e, muito menos, de sua opinião sobre aspectos específicos da escola, do sistema de ciclos, de sua própria prática em turma e de seus alunos, partimos para o planejamento da entrevista.

Considerando a classificação de Moreira e Caleffe (2008), que divide as entrevistas em padronizadas e não-padronizadas, optamos pela primeira classe de entrevistas e nela encontramos as entrevistas semiestruturadas. As indicações de Rosa e Arnoldi (2006, p.30) sobre entrevistas semiestruturadas apontavam que “As questões, nesse caso, deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados.” Cientes dessas orientações, partimos para a elaboração das

questões que poderiam nos guiar no momento da entrevista. Ao fazê-las, atentamos para as recomendações de Zago (In: VILELA, 2003, p.303), que diz:

A flexibilidade faz parte da lógica do método qualitativo e da entrevista compreensiva, mas é importante demonstrar, na sua condução, aonde o pesquisador quer chegar. Daí a importância de termos um ponto de partida e garantirmos essa condição mediante um roteiro de questões.

Como nossa pretensão era conhecer características da prática pedagógica de professores de Matemática em escolas organizadas em ciclo, selecionamos as perguntas a serem feitas na entrevista em seis eixos. Em torno desses eixos foram agrupadas questões de modo a nos fornecer informações mais detalhadas sobre: a) trajetória acadêmica; b) trajetória profissional; c) prática pedagógica em escola ciclada; d) visão sobre turmas e alunos; e e) prática pedagógica e avaliação (Figura 1). Os eixos foram pensados em consonância com o objetivo de pesquisa e o protocolo de observação. Os dois instrumentos nos ajudaram na elaboração do roteiro da entrevista.



Figura 1 – Eixos de encaminhamento da entrevista e de análise dos docentes
Fonte: a autora.

No momento em que escrevíamos este relatório, refletimos sobre o porquê da elaboração de um roteiro longo, já que éramos cientes da necessidade de sermos cuidadosos com a quantidade de perguntas presentes no protocolo, de forma a não cansar o entrevistado. Porém, tínhamos receio de perder a oportunidade de indagar questões subjetivas que escaparam aos olhos no momento da observação ou mesmo das questões observáveis que não seriam convenientes serem indagadas na sala de aula ou no momento de intervalo de aulas dos dois professores. Como já tínhamos certa proximidade com os professores, confiamos na boa vontade dos mesmos para com nosso trabalho. Como nossa relação com a professora Sílvia já era bastante amistosa, não foi difícil propor e ter o aceite da entrevista. Explicamos o objetivo, mostramos o

roteiro, garantimos o sigilo e nos comprometemos em, após as transcrições, apresentar o material para, caso os entrevistados quisessem, fazer correções ou modificações. Também elaboramos um termo de livre consentimento autorizado e solicitamos que a professora o assinasse.

No dia 03/06/2009, realizamos a entrevista com Sílvia e o local indicado por ela para a atividade foi a Sala dos Professores. Trabalhamos por um tempo, mas tivemos que interromper a atividade para retornar após o intervalo. Retornamos com a gravação da entrevista, porém, quando fomos ouvir as gravações, verificamos que parte das mesmas não havia sido efetivada. Muito constrangidos, voltamos à escola, explicamos o ocorrido à professora e solicitamos nova entrevista. Ela explicou que nas semanas seguintes não seria possível por se encontrar em período de avaliação. Achou melhor marcar para o dia 02/07/2009, pela manhã, pois já não mais haveria aulas, devido às férias escolares de julho. Aceitamos de bom grado a sugestão da professora e, no dia e hora marcados, a entrevista transcorreu sem problemas.

4.4.1.5

Retorno à escola Alfa para produção de novas informações

No mês de julho, fizemos uma avaliação da produção das informações conseguidas até aquele momento. Verificamos que após cinco meses de observações contínuas nas aulas de Matemática nas duas turmas do IV Ciclo (8ª série), da escola Alfa, os resultados advindos das observações das aulas e da entrevista da professora não seriam suficientes para que respondêssemos satisfatoriamente as questões de nossa investigação.

Como sabíamos que, em outubro, a escola, e, especialmente a turma que observávamos, participariam da Prova Brasil, certame 2009, consideramos importante fazer um diagnóstico aplicando um exercício com questões similares às aplicadas na Prova Brasil, cujo modelo é disponibilizado no site do MEC/INEP. Nosso objetivo foi avaliar o desempenho dos alunos na resolução de questões do tipo aplicado na Prova Brasil, contendo assunto trabalhos na disciplina Matemática nos III e IV ciclos.

Em agosto, retornamos à escola Alfa e conversamos com a professora de Matemática sobre nossa intenção. A professora gostou da ideia. Também

solicitamos permissão à Coordenação Pedagógica da instituição, apresentando cópia do material e explicando que a avaliação seria voluntária e que as despesas com a reprodução do material seriam de nossa responsabilidade. A equipe de gestão da escola Alfa não colocou nem um obstáculo, concordando de pronto com a realização da atividade.

4.4.1.6

Elaboração e aplicação do formulário socioeconômico e do exercício diagnóstico na escola Alfa

Após o aceite da escola Alfa, passamos para a fase de elaboração dos instrumentos e planejamento da atividade. Como explicamos no item 3.3.1.5, para o exercício, utilizamos questões semelhantes às aquelas aplicadas em certames da Prova Brasil. Ressaltando que a parte da avaliação relativa à disciplina Língua Portuguesa foi retirada na versão final do material. Para a elaboração do questionário, utilizamos como base algumas questões presentes no questionário socioeconômico que foi aplicado juntamente com a atividade do exercício diagnóstico. Porém, acrescentamos outros blocos de questões, buscando investigar acerca de: a) residência dos alunos; b) existência de eletrodomésticos em suas casas; c) meio de transportes da família; d) grau de escolaridade dos responsáveis; e) relação família/escola; f) relação alunos/escola; g) gosto do aluno pelo professor e pela disciplina Matemática; e h) hábitos de estudos. Ao contrário do roteiro de entrevista utilizado com os professores, na confecção do questionário, tivemos a preocupação com o formato e o tamanho do instrumento. Atentamos para as recomendações de Hill e Hill (2009, p.964), no concernente a “quando elaboramos questões de um questionário devemos pensar cuidadosamente em quem vai responder ao questionário, pois as perguntas devem ser escritas de uma maneira adequada às suas prováveis habilidades literária e ao vocabulário dos respondentes”. As orientações nos foram de grande valia no momento da formulação das questões. O fator “tempo” nos impediu de convalidar o instrumento, mas tivemos a preocupação de mostrá-lo a pesquisadores mais experientes que sugeriram algumas alterações. Elaborados os instrumentos, o passo seguinte foi agendar a data do exercício diagnóstico.

Na escola Alfa, a maioria dos alunos ficou animada com a ideia de fazer a atividade com questões equivalentes às utilizadas na Prova Brasil, mas queriam saber se “valeria nota em Matemática.” O trabalho ocorreu em uma quarta-feira, 09 de setembro de 2009, no horário da manhã. A professora Sílvia estava na escola, porém, não ficou na sala da Turma 801 acompanhando a realização da atividade. O fato de sermos conhecidos pelos alunos, por conta do período das observações, facilitou a realização do trabalho. Dos trinta e oito alunos da turma, apenas dois faltaram. No total, trinta e seis alunos responderam ao exercício e ao questionário socioeconômico. Demos as orientações, demarcamos o tempo e a atividade transcorreu tranquilamente. Conforme entregavam os dois instrumentos, os alunos assinavam a frequência e recebiam o gabarito com as respostas das questões de Matemática.

4.4.1.7

Entrevista com a coordenadora pedagógica da escola Alfa

Pesquisas tendem a nos conduzir, muitas vezes, por caminhos desconhecidos e trilhas cheias de armadilhas. Apesar de todo planejamento, a imersão no campo é sempre um desafio. Mesmo com todo o esforço empreendido, do tempo que dedicamos e diversificação nas técnicas de levantamento das informações, chegamos praticamente ao final de 2009 sem convicção de que o material produzido até então daria conta de responder às questões da pesquisa.

Fomos orientados a voltar às escolas e entrevistar pessoas envolvidas com a gestão. Como nosso contato era bem maior com a coordenadora da escola do que com sua direção, e também por percebermos o envolvimento da técnica diretamente com o corpo docente, optamos por entrevistar a coordenadora pedagógica que atuava no turno em que observávamos a prática pedagógica da professora. Feitas nossas escolhas, iniciamos o processo de planejamento da entrevista. Novamente, elaboramos um roteiro, porém o fizemos com base nos *onze fatores para escolas eficazes* sistematizados por Sammons (2008), com a intenção de percebermos aproximações ou não de aspectos da gestão escolar com os fatores apontados pela autora.

Obtermos a entrevista com a coordenadora pedagógica da escola Alfa não foi tão simples quanto a entrevista com a professora. Sentimos certo receio por

trás das desculpas de falta de tempo. Munidos de paciência e receosos da proximidade do final do ano letivo, retornamos à escola por um bom número de vezes para ter nosso objetivo alcançado. Novamente, repetimos o ritual realizado na outra entrevista: explicamos os objetivos, entregamos uma cópia do roteiro, nos comprometemos com o sigilo e com a apresentação posterior das transcrições das entrevistas para conhecimento e apreciação. Também elaboramos um termo de livre consentimento autorizado e pedimos que a técnica o assinasse.

Finalmente, em 1º de dezembro de 2009, conseguimos a entrevista. Luciana, 35 anos, é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará e fez especialização em Informática Educativa. Trabalha na Rede Municipal há nove anos. No período em que realizamos as observações, constantemente encontramos Luciana exercendo sua função. É uma moça muito educada e bastante dedicada ao seu trabalho. Desde o início de nossa investigação, sempre foi atenciosa e quando tínhamos oportunidade sempre conversávamos sobre questões da escola ou das turmas. Luciana também parecia ter relações muito boas com a maioria dos professores. Estava sempre bastante ocupada apesar de a escola Alfa ser pequena. Ela não costumava faltar ao trabalho.

4.4.2 Investigação na escola Beta

A escola Beta localiza-se em um bairro de classe média-baixa de Belém, com grande incidência de violência urbana, atendendo, em sua maioria, a alunos que, socioeconomicamente, são de classe média-baixa ou de camadas mais pobres da população. Ela faz parte da Rede Municipal de Ensino de Belém, tendo sido fundada em 1955. Em 2001, foi implantado na escola o sistema de organização escolar por ciclo na perspectiva da *Escola Cabana*. Atende alunos do Ensino Fundamental do Ciclo Básico I, II, III, IV e da Educação de Jovens e Adultos-EJA (de 2ª e 3ª etapas), e no ano em que foi realizada a pesquisa, 2009, atendia aproximadamente 1.000 alunos. No prédio há dez salas de aula, um laboratório de informática educativa, uma biblioteca, uma sala do SOE¹ e um auditório. De um modo geral, a escola carecia de algumas reformas e pintura.

¹ SOE- Serviço de Orientação Educacional.

4.4.2.1

Contatos com a direção da escola Beta

No dia 02 de fevereiro de 2009, no horário vespertino, apresentamo-nos à diretora da escola Beta, explicando nossos objetivos e entregando uma cópia do ofício assinado pela Secretária de Educação e outro da minuta do projeto de pesquisa. Explicamos que nosso interesse era no trabalho do professor de Matemática do ciclo IV. Ela sorriu e nos informou que o professor desse ciclo é o professor Armando, que trabalha na escola há mais de vinte anos, de tal modo que já está aguardando a aposentadoria. Comentamos ser positivo para nosso trabalho o fato de se tratar de um professor de Matemática da escola há bastante tempo.

A diretora mostrou-se apreensiva e, de pronto, nos avisou que o professor “*não era favorável ao sistema de organização escolar por ciclos*”. Ela indagou sobre nosso tempo de observações e informamos que seria de aproximadamente um semestre letivo. Como era o primeiro encontro, evitamos fazer muitas perguntas, avisando que posteriormente gostaríamos de conversar um pouco mais sobre questões gerais da instituição.

Fomos, em seguida, apresentados a uma administradora, que nos contou ter somente um ano na escola Beta. A conversa durou em torno de vinte minutos e, ao final, solicitamos à diretora que antecipadamente conversasse com o professor Armando sobre nossas intenções de trabalho. Ficamos de voltar no dia seguinte para o primeiro contato com o professor.

Posteriormente, com os sucessivos retornos à escola, percebemos que a diretora estava sempre presente em seu local de trabalho, especialmente no terceiro turno, e parecia ter uma boa relação com os professores. Soubemos também que a escolha do diretor ocorre por meio de eleições diretas. A diretora aparentava viver certo conflito entre ser firme na gestão dos professores e continuar tendo, por parte desses, amizade e apoio. Ela parecia viver o dilema entre zelar por uma vivência democrática no espaço escolar sem deixar que um clima de *laissez-faire* se instalasse na escola. De todo modo, no decorrer do semestre, ela mostrou-se acessível e colaborativa com nosso trabalho.

4.4.2.2

Contatos com o professor de Matemática da escola Beta

Na terça-feira, dia 03 de fevereiro, voltamos à escola para encontrarmos o professor Armando. A diretora da escola Beta avisou-nos que o melhor horário seria a partir das 16h30min, tempo destinado à hora pedagógica. Chegamos no horário marcado e encaminhamo-nos à Sala dos Professores. Ao entrarmos na sala dos docentes, vimos um professor de certa idade sentado em um sofá. Dirigimo-nos até ele intuindo tratar-se do professor Armando. Apresentamo-nos, sentamo-nos a seu lado e perguntamos se a diretora havia falado sobre nossa pesquisa. Ele acenou positivamente e explicamos que não estávamos ali a serviço da SEMEC, nem para vigiar seu trabalho. Sentimos o professor meio preocupado e um pouco tenso, pois foi logo nos avisando “*tenho meu jeito próprio de trabalhar e não costumo seguir tudo do livro didático*”. Falamos um pouco da intenção da pesquisa para que ele pudesse relaxar.

Havia outra professora na sala e, vez por outra, Armando pedia a confirmação dela com relação às questões que estava nos explicando. Ele falou que, enquanto aluno do curso de Matemática, já lecionava, começando no magistério nos anos 1960. Contou-nos ainda que trabalhou na Marinha Brasileira e que também é engenheiro civil, oferecendo-nos inclusive um cartão de sua firma.

Estávamos preocupados quanto a estarmos atrapalhando a entrada do professor em sala de aula, pois alguns alunos já tinham vindo perguntar se ele iria para sala. Sem se apressar, Armando continuou conversando conosco e nos falou de seu descontentamento com os ciclos e com o fato de que os “*alunos são facilmente aprovados mesmo sem saber nada*”. O professor fez questão de nos avisar que poderíamos nos surpreender com seu trabalho, se comparado com o professor de Matemática da outra escola, “*Minha forma de trabalho é outra*”. Procuramos tranquilizá-lo quanto ao nosso trabalho, oferecendo inclusive uma cópia da minuta do projeto. O tempo passou e o professor continuou conversando sem demonstrar pressa em encerrar a conversa. Pedimos informações sobre os horários de aula e ele disponibilizou seu horário semanal, nos informou que seus dias de aulas com a turma que iríamos observar eram: segunda-feira, primeiro

horário do 3º turno, quarta-feira, os dois últimos horários e quinta-feira, os dois primeiros horários do turno vespertino. Combinamos que voltaríamos na 4ª feira, para acompanhá-lo nas aulas de Matemática.

4.4.2.3

Observações na escola Beta

Na quarta-feira, dia 04 de fevereiro de 2009, portando nosso caderno de campo, iniciamos a etapa de observação densa das aulas de Matemática do professor Armando. As observações duraram todo o primeiro semestre letivo de 2009, período em que acompanhamos a rotina docente do professor. Aproximadamente, observamos 100 horas-aula, com o registro de aspectos da prática pedagógica do professor e características de seus alunos.

4.4.2.4

Entrevista com o docente da escola Beta

Marcar a entrevista com o professor Armando foi tarefa fácil. Como explicamos os objetivos da técnica e nos dispusemos a mostrar o roteiro da entrevista, o professor aceitou realizá-la sem problemas. Repetimos os procedimentos já descritos no item 3.3.1.4 sobre: sigilo, apresentação das transcrições para prováveis correções, cópia do termo de livre consentimento autorizado. No dia 02 de junho de 2009, realizamos a entrevista na sala da Coordenação Pedagógica e Armando estava muito tranquilo e disposto a falar de sua vida e de seu trabalho. Por vezes, tínhamos dificuldades de retornar para o roteiro da entrevista, pois o professor gostava de conversar sobre sua vida, rememorar fatos de sua vida de estudante e de seus professores e, principalmente falar do período em que serviu a Marinha do Brasil.

Observamos que os dois professores selecionados para o estudo foram educados, gentis, acessíveis, ainda que tenham demonstrado algum receio, o que consideramos natural em tal situação. Outro fato interessante foi que os dois professores tinham idades e tempos de serviço bastante diferentes

4.4.2.5

Retorno à escola Beta para a produção de novas informações

No início do mês de agosto também retornamos à escola Beta e falamos com o professor Armando sobre nossa intenção de fazer um exercício diagnóstico contendo questões parecidas com as utilizadas em certames da Prova Brasil, junto à turma que observávamos. Expliquei que em outubro os discentes iriam fazer a Prova Brasil 2009, e que seria bom para a turma ter noção de como seria a avaliação.

O professor achou a ideia muito boa, porém os alunos não pareceram muito interessados, com exceção de um grupo de cerca de quatro garotos que eram bem mais participativos nas aulas de Matemática que a maioria da turma. Precisamos de um tempo para convencer o restante dos alunos a fazer a atividade, explicando que nada teriam a perder, pelo contrário, estariam testando seus conhecimentos e, quem sabe, assim fariam com tranquilidade a Prova Brasil de outubro. O professor Armado também nos auxiliou a convencer a turma. Como na escola Alfa, muitos alunos quiseram saber se “valia nota”, explicamos que “valeria experiência, conhecimento para a próxima avaliação.” Falamos com a Direção da escola e com a Coordenação Pedagógica, que também acataram a ideia.

4.4.2.6

Elaboração e aplicação do formulário socioeconômico e do exercício diagnóstico na escola Beta

Em uma quinta-feira, no dia 10 de setembro, realizamos a aplicação do exercício diagnóstico e do questionário socioeconômico junto à turma 803, para trinta e um alunos. Os instrumentos foram os mesmos utilizados na escola Alfa. Novamente, buscamos convencer os discentes a fazer o exercício, mesmo assim, alguns alunos não ficaram em sala. O professor Armando fez questão de nos ajudar a aplicar os instrumentos e gentilmente nos acompanhou durante todo o processo. À medida que os alunos terminavam o trabalho, assinavam a frequência e recebiam o gabarito da atividade. O trabalho transcorreu sem problemas e

ficamos contentes em perceber como o professor se envolveu, colaborou e foi solidário com nosso trabalho.

4.4.2.7

Entrevista com a coordenadora pedagógica da escola Beta

No dia 23 de novembro, entrevistamos a coordenadora pedagógica da escola Beta. Vale relatar que Sandra era ex-diretora da unidade escolar. Quando nos apresentamos e solicitamos permissão para realizarmos a primeira etapa da produção das informações, foi ela quem nos recebeu e autorizou o trabalho. Decorridos aproximadamente quatro meses, a Rede Municipal promoveu novas eleições, em que os candidatos eram submetidos, primeiramente, a uma avaliação escrita (dissertação sobre um tema ligado à educação) e somente os aprovados poderiam concorrer ao pleito eleitoral em sua escola. Sandra não obteve aprovação nessa primeira fase, e por esse motivo não pode concorrer à reeleição, ficando na gestão da escola no cargo de coordenadora pedagógica.

Ela tem quarenta e um anos e é formada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará. Fez especialização em Gestão Escolar e outro curso na área de Informática Educativa. Há nove anos trabalha como gestora e, por sua experiência e tempo na instituição, conhecia a escola com profundidade. Sandra, desde o início das observações, sempre foi muito receptiva para conosco, colaborando em tudo o que podia. Convidava-nos para reuniões e outras atividades da escola Beta, nos mantinha informados sobre questões da escola e dos professores, enfim, no período em que permanecemos na escola, a pedagoga mostrou-se solidária e muito compreensiva com as necessidades próprias de nossa investigação.

4.4.3

Saída do campo de investigação

Como foi possível acompanhar no decurso do capítulo, o caminho percorrido foi longo e em alguns momentos tortuoso, sobretudo para nós que pela primeira vez fazíamos uma pesquisa daquele porte. De todo modo, mesmo não tendo saído do campo com a certeza de termos elucidado o problema de investigação, nos retiramos de lá convictos de que o melhor caminho para falarmos de escola ou da teia de relações que lá se estabelecem é indo ao *locus* e lá permanecendo por um tempo maior que o de uma “visita.” Assim, olhando a

escola com profundidade, fazendo parte de seu cotidiano, comungando de seus rituais, poderemos ousar *abrir a caixa preta da escola* (JULIA, 2002), e falar com mais propriedade das relações e interações que lá se vive.

Fatos, momentos, sorrisos e até desconfianças, ainda hoje, fazem parte de nossas memórias, não da memória da pesquisadora, mas da professora de Ensino Superior, que por um ano retornou à escola de Ensino Fundamental pública, e teve a oportunidade de fazer parte da “vida,” no sentido da dinamicidade dos acontecimentos, de duas turmas e, sobretudo, comungou e se solidarizou, com o trabalho cotidiano de dois colegas professores que, literalmente, “suavam a camisa” na labuta da docência e no empenho em tentar ensinar alunos que nem sempre pareciam estar predispostos a aprender. Por esses professores e tantos outros que encontramos nesse percurso, manifestamos nossos profundos apreço e respeito.

Na condição de observadores, foi possível constatar e concordarmos com o pensamento de Shulman (In: MOURA CASTRO e CARNOY, 1997), de que o trabalho de um professor exige a posse de muitos saberes que, incontestavelmente, se articulam com variados fatores, como uma sólida formação, experiências na docência e percepção crítica da realidade da qual o professor e seus alunos fazem parte. O autor também se refere a como é difícil ser professor, dada a dinamicidade com que exercemos nossa prática que, a todo momento é “atravessada” por emoções, como desejos, medos, alegrias, frustrações e tantos outros sentimentos que povoam as salas de aulas, seja da parte do professor, seja da parte dos alunos.

Dessa feita, o próximo capítulo deste trabalho destina-se à descrição e análise do material produzido no campo investigativo.